



## Os marcos miliários de S. Bartolomeu de Antas

Francisco Martins Sarmento

A Vida Moderna, Porto, 1882 — II, pág. 143

Desde o século passado, pelo menos, são conhecidos dos epigrafistas alguns marcos miliários, existentes no adro da capela de S. Bartolomeu de Antas, concelho de Coura Argote tinha notícia de dois, e transcreve e traduz as inscrições neles gravadas, segundo uma cópia que lhe forneceram; mas a cópia é má, e a tradução ainda pior. Explica-se mal, por exemplo, que deixando imprimir na sua obra (II, 620) o nome de MAGENTIO [sic] ele traduza *Decencio*.

A sexta linha, onde lia: P.<sup>o</sup> T. C., e onde só pode ler-se: P. F. (*Pio Felici*), diz Argote que a não percebia; e não admira isso, atenta a pouca fidelidade, de que dá provas o seu informador em tudo o que lhe comunica.

O sr. E. Hübner, reproduzindo esta inscrição, e tentando completá-la no que ela tem de deficiente e obscura, não foi extremamente feliz, comparando o n.<sup>o</sup> 4744 das *Inscriptiones Hispanice Latinæ* com a seguinte cópia, cuja autenticidade verificámos:

D. N.  
MAGNO  
MAGENTIO  
IMPERATORI  
AVG.  
P. F.  
BNRPN  
XXXI

Por um erro desculpável num estrangeiro, decerto por confundir S. Tiago de Antas com S. Bartolomeu de Antas, o sr. Hübner dá também os dois padrões, como miliários da estrada de Lisboa a Braga, sem fazer reparo nas indicações positivas de Argote.

A crer as informações recebidas pelo nosso antiquário, os dois marcos existiriam primeiro “no alto do monte por onde corria a via militar de Braga para Tui”, e só mais tarde é que seriam transferidos para a capela de S. Bartolomeu.

Argote ignorava porém o nome do monte. Em compensação, outro antiquário, J. A. de Almeida, de Valença do Minho, dá-nos notícias circunstanciadas sobre o monte, asseverando ao mesmo tempo que as letras das colunas se achavam em tal estado, que “mal se podiam ler” — o que prova que só por tradição as conheceu. Depois de nos descrever as ruínas que se encontram no monte (Cossourado)<sup>1</sup>, Almeida perfilha as ideias doutros escritores, que viam ali uma fortificação, de que os romanos se serviram, para “proteger a marcha dos comboios para os exércitos, com que vieram conquistar Braga”. Estranho itinerário, que obrigava os conquistadores a aproximarem-se de Tui, para depois desandarem até Braga.

Demais a velha fortificação, que os vizinhos do monte ainda hoje qualificam de a cidade<sup>2</sup>, seria nada menos que a pátria de Teodósio Grande, a cidade de Cauca. Verdade é que a cidade de Cauca, pelo que nos contam os geógrafos antigos, pertencia aos Vacceus, que têm pouco que ver com o Cossourado; mas o que fundamentava principalmente aquela opinião era que o nome de Coura, que o concelho, a que “cidade” pertence, tira certamente do rio que o atravessa, foi primitivamente Caura, e Caura é uma corrupção de Cauca, segundo estes intérpretes. Além de Cauca, Caura e Coura, a povoação, depois de arrasada pelos árabes, passou por um novo crisma e ficou a chamar-se Arnoia.

Apontámos estas extravagâncias, porque ainda hoje há

<sup>1</sup> No concelho de Barcelos há outro monte Cossourado com ruínas do mesmo carácter das do seu homónimo de Coura.

<sup>2</sup> Em Paredes de Coura lugares com a denominação de *cidade* são vulgares. Além do Cossourado, há-os em Ferreira, Formariz, Insalde e Rubiães.

leitores que as tomam a sério. O certo porém, embora isso repugne à nossa boa vontade de ler no passado, como lia Brito e a sua escola, o certo é que as ruínas do Cossourado nada mais são do que vestígios, e por sinal que bem apagados, numa estação de origem pré-romana, como tantas outras que se encontram a cada passo nos nossos montes, e acerca das quais não sabemos absolutamente nada.

Na plana das mais notícias está a que o corógrafo de Valença, de acordo com Argote, nos dá sobre a direcção da estrada “que corria pelo monte”, e por consequência a afirmativa de ambos de que os marcos foram daqui levados para S. Bartolomeu de Antas, onde os vemos agora.

A estrada passava a sul do Cossourado, pela freguesia vizinha de Rubiães.

Uma última inexactidão a notar é que os marcos são cinco, não dois. Neste ponto porém a censura seria mal cabida, e aqui está a razão: os cinco marcos sustentavam a armação dum telhado que cobre o adro da capela; três estão à vista, mas um deles tem as letras tão obliteradas, que só depois dum exame muito minucioso é que se pode afirmar que as teve algum dia. O quarto e quinto, que ficam do lado do sul, estão incorporados numa parede que sobe até ao travejamento e que tem por fim, parece, evitar que os devotos sejam fustigados pelo vendaval, que sem este obstáculo varejaria o adro de lado a lado. Dantes o reboco da parede cobria os dois padrões nela encravados, e só depois que a crosta da cal foi caindo aos pedaços, se tornou possível dar pela existência deles.

As inscrições, que contêm os dois marcos, não podem ser estudadas sem o trabalho preparatório de os isolar da parede que os abraça em quase toda a circunferência. Felizmente deste trabalho encarregaram-se os nossos amigos José Maria Pestana, juiz de direito em Paredes de Coura e o doutor Narciso Alves da Cunha, de Formariz. A tarefa está em boas mãos; e não só os dois marcos até hoje desconhecidos, mas um dos dois outros, de que Argote apenas publicou algumas poucas linhas e por ora indecifrável, já se dirá por que, nos revelarão brevemente os seus segredos.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Este último, donde sem dúvida foi copiada a inscrição incompleta, que se vê nas *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ*, n.º 4745, fica próximo do cunhal direito da capela, e compõe-se de dois fragmentos, sobrepostos um ao outro, para ganhar a altura da trave, de que são sustentáculo. O fragmento superior não tem letras nenhuma; o inferior está carregado delas; mas por enquanto a leitura completa, da inscrição é quase impossível, tanto porque os seus caracteres estão cheios de terra e musgo, e de pernas para o ar, como porque alguns deles se acham soterrados, como a parte do marco em que estão insculpidos.

Guimarães, 31—1—82.